

# ‘Vamos ter que sustentar milhões de pessoas’

Vitor Rainho  
vitor.rainho@sol.pt

O coronavírus vai mudar radicalmente o turismo, os hotéis vão passar a ter apartamentos, o alojamento local tem os dias contados e será preciso aposta na qualidade, defende André Jordan.

É uma das figuras mais emblemáticas do turismo português: seja pela Quinta do Lago, Vilamoura, Belas Clube Campo ou pela frontalidade, por vezes, desconcertante, tanto à esquerda como à direita. A sua família fugiu do holocausto, quando ainda era criança, e foi no Brasil que ganhou o sotaque que nunca abandonou. Aos 86 anos continua a falar do futuro com o mesmo entusiasmo de sempre.

**Como olha para a crise que estamos a viver?**

Vou fazer 87 anos, sou uma pessoa consciente, passei pela Segunda Grande Guerra, apesar de termos fugido no momento certo, na invasão da Polónia. Penso que nunca tinha visto uma situação tão descontrolada como a desta pandemia, porque ninguém sabe o que é, ninguém sabe como se trata. Imagine o que é a única defesa quanto a esse vírus é não termos contacto entre nós, entre as pessoas. É a única maneira de atenuá-lo porque também não sabemos se se cura. A situação económica que isto causa é sem precedentes. Penso que nem a crise de 1929 foi tão profunda como isto. Vejo com muita preocupação, mas também com alguma confiança na ingenuidade das pessoas e na capacidade de superarem as situações como tem sido demonstrado. Vamos ver o que vence: se a criatividade, a ingenuidade e a resiliência do ser humano ou a maldade de um vírus.

**Não estávamos preparados.**

Somos capazes de encontrar fraquezas. Penso que a globalização e a alta tecnologia, a inteligência artificial, tudo isso criou os problemas. Porque é que isto acontece? Os chineses que avançaram de forma brutal na tecnologia, financeiramente, economicamente, industrialmente, continuaram a manter os hábitos milenares, mas a nova geração já não está imunizada. Comiam os morcegos e ficavam imunizados. Mas esta geração do McDonald's já não está. Por isso o vírus entrou. E como era um hábito milenar deles comerem assim, ninguém se preocupou, ninguém pensou. E espalhou-se pelo mundo inteiro. Não acredito que isto seja um ataque chinês ao Ocidente. Há quem defenda que eles fizeram uma zona ficar infetada para depois ficar imunizada e então se espalhar pelo resto do mundo. A verdade é que a maneira de comerem, beberem e a vida moderna não são compatíveis. E ninguém pensou nisso.

**Não sei se já viu os vídeos do Presidente chinês, Xi Jinping, dizer que vão tomar conta do mundo. Acha que vai acontecer?**

Acho que não é verdade, os chineses têm muitos mais problemas. O que acontece é que eles podem fazer o que ninguém pode fazer no Ocidente que é meter dinheiro e comprar ativos. Porque é que eles compram tantos ativos fora da China? Porque não têm confiança nos seus próprios ativos.

Eles querem usar a credibilidade do Ocidente para, na hora que aquilo entrar, colapso o dinheiro já estar aqui fora. Estou a fazer um pouco uma caricatura, mas é verdade que acho que não é tão fácil eles tomarem conta do mundo. Agora como também o Ocidente não tem sabido se entender, a combinação para a harmonia do Ocidente não resulta.

**Sempre falou nos perigos da globalização e da robotização que estamos a seguir.**

Acho que o grande problema é esse. Primeiro, vai haver um nivelamento para baixo da situação do Ocidente. As pessoas vão todas restringir os seus estilos de vida e os grandes exageros e extravagâncias não vão ser possíveis. Os grandes grupos, por exemplo, de alta tecnologia e principalmente daquela tecnologia que não é útil como os Facebooks e tudo isso, têm o valor que têm e os milionários são milionários porque as ações têm um aplicador que não é realista no sentido financeiro. Representa uma procura desse papel mas esse papel não tem substrato, não tem ativos, muitas vezes não tem muitos lucros e isso tudo vai-se ajustar. Na medida em que a robotização gerar desemprego, vamos ver qual vai ser o grande teste. Quando isto acalmar – dentro de um mês ou um ano – vamos descobrir qual é a quantidade de pessoas que ficou sem emprego permanentemente. Vamos descobrir isso e vamos ter de encontrar maneira de sustentar essas pessoas. Não só sustentá-las materialmente como psicologicamente também. É um grande desafio e a ingenuidade, a criatividade e a resiliência das pessoas vai ser posta à prova. Conheci muitas pessoas, judeus que

estiveram nos campos de concentração e que não morreram. Alguns muito próximos. Tive um grande amigo que esteve em Auschwitz durante cinco anos. Era checo e depois foi levado para as minas de urânio pelos russos porque era de uma família abastada. Tem o número gravado e depois acabou por emigrar para Inglaterra e acabou por ser presidente de uma das maiores empresas de construção do mundo que era a Bovis. Sobreviveu àquilo tudo. No entanto, psicologicamente, sofria muito. Tivemos muitas conversas, a empresa dele investiu na Quinta do Lago e foi um grande amigo, um grande parceiro. Ele dizia que eu era o único amigo dele porque em Inglaterra é difícil as pessoas serem amigas de alguém que não conhecem a vida inteira. Era um homem de grande prestígio, sofria muito mas resistiu, superou e chegou a uma posição muito alta na comunidade. Outros ficaram entregues, digamos, à tortura das suas memórias. O ser humano é muito resiliente em termos físicos e psicológicos.

**Acha que estamos a viver - com as devidas distâncias - uma espécie de holocausto global?**

Não sei se é um holocausto porque há muitas atenuantes. Não estamos numa prisão, não estamos num campo de concentração. Temos até a ironia das pessoas que estão nos cruzeiros e não conseguem atracar em lugar nenhum. São prisioneiros de si próprios. É uma coisa extraordinária e mostra justamente o exagero a que chegou a nossa civilização. Não acho que seja o holocausto nesse sentido. Ainda não sabemos como isto vai evoluir e acho que ninguém sabe.



**Estava a referir-me mais aos traumas que isto pode deixar. Uma sociedade fechada em casa, pessoas sem condições...**

Acho que é muito difícil para as pessoas da classe média-baixa. Um casal com dois ou três filhos, com dois quartos e uma casa de banho e que já há um mês que não sai ninguém, é claro que isso deixa marcas. Deixa marcas, mas também não é fatal. Não é o mesmo que estar num campo de concentração, não é o mesmo. O que é grave é o medo da morte. Por exemplo, tenho esta idade e nunca tive medo ou me preocupei com a morte. Tenho consciência dela e sempre tive. Perdi o meu pai há 50 e muitos anos e a minha mãe há 30 e muitos anos. Agora fico a ver se a morte fica rondando por aqui mas não me apanha. Porque estou numa idade favorita para o vírus. Estou muito bem qualificado para ser apanhado pelo vírus. Isso, na minha vida e na vida de pessoas como eu, tenho a certeza de que é um medo real. Mas também é como digo: se morrer é porque está na altura.

**Como encara o facto de as pessoas com mais de 70 anos serem aconselhadas a ficar em casa e deixarem de viver a sua vida?**

Isso serve para toda a gente. Não há cinemas, não há restaurantes, não há teatros. Acabei de receber no telemóvel uma mensagem que diz que a Ópera de Nova Iorque vai fazer um concerto no dia 25 de Abril com dezenas de artistas todos em suas casas, no mundo inteiro. É uma coisa fantástica e mostra justamente a criatividade e a resiliência e a tecnologia a ser usada para um fim nobre. Tenho pensado nisso, de que a cultura e a arte vão ganhar muito espaço nesse futuro novo. Vão valorizar-se muito as artes, no sentido de elas terem uma posição de importância, não no sentido necessariamente financeiro. Já está havendo sinais. As antiguidades morreram, deixaram de ter valor: A nova estrutura e o tamanho das casas e o gosto das novas gerações não quer mais saber de antiguidades. Se tem em sua casa uma cadeira que valia 10 mil euros ou 20 mil euros, hoje não vale nada porque ninguém lha compra por preço nenhum, a não ser aquelas antiguidades com qualidade de museu.

**Mas temos quadros antigos que valem cada vez mais.**

“

**Os grandes exageros e extravagâncias não vão ser possíveis**

**Se tiver de um lado do muro 10 milhões de ricos, pessoas que vivem bem, os pobres saltam o muro e vão-nos matar a todos**

”

Não é bem assim e não será bem assim no futuro. Isto é uma máfia, pode dizer-se assim, entre *marchands*, curadores, críticos e certos colecionadores que fazem parte desse grupo que estão insuflando os preços para vender pura e simplesmente para chineses, árabes ou russos. É um mercado completamente fabricado.

**Acha que o mundo tal como o conhecemos no que diz respeito à extravagância vai desaparecer ou o facto de as pessoas quererem comprar um carro que ande a 300km/h, beber um vinho de mil euros...**

Acho que isso vai sofrer um grande ajustamento porque a economia vai levar a isso. A forma de sustentar aqueles que perderam os empregos graças às tecnologias, graças à evolução da inteligência artificial, vai ser de um ajustamento geral, uma vida mais normal. Ainda sou de um tempo em que os meus pais, no Brasil, eram pessoas ricas mas viviam uma vida normalíssima. Tínhamos uma casa simples, boa mas simples, o meu pai tinha um carro e a vida durante a guerra foi assim. Ninguém vivia na extravagância durante a Segunda Guerra. Nem na primeira. Mas depois os avanços tecnológicos geraram grandes fortunas e as pessoas que conseguiram apropriar-se da tec-

nologia ou inventá-la ganharam muito, mas isso vai acabar. Vai acabar porque vamos ter milhões de pessoas para sustentar de alguma maneira. É por isso que acho que os cuidados paliativos, a cultura, a arte, museus, florestas, essas pessoas vão trabalhar nessas coisas e vão ser pagas por aquela metade que é próspera e acho que vai haver um ajustamento hipotético do estilo de vida. Já vivi uma época assim durante a guerra do Brasil. Não houve guerra no Brasil nem nos EUA. Tiveram guerra mas não tiveram guerra no seu território. E viveram perfeitamente. Os ingleses viveram cinco anos de racionamento de tudo. E sobreviveram.

**Passado uns anos da II Grande Guerra, o luxo voltou em força.**

Claro. Houve um grande crescimento económico. Depois de Roosevelt ter conseguido introduzir a regulamentação das bolsas, do mercado financeiro e da banca, etc., um grupo de milionários da Califórnia patrocinou a carreira política de Reagan, que foi para o Governo posto por eles, para desregular tudo e essa desregulação é que criou essa economia muito exagerada. E distorceu a realidade económica. Há milhares de iates e aviões particulares à venda por muitos milhões de dólares, mas desde a crise de 2008 que não têm compradores.

**O mundo do futebol, à semelhança de outros, vai ter de ser reajustado e esses milhões vão ser equacionados?**

Sim, vai ter de ser porque já não vão existir esses milhões com o ajustamento da economia à realidade do terreno. A realidade é que vai haver milhões de pessoas que vão ter de ser sustentadas. E por que vamos ter de sustentá-las? Porque se não elas matam-nos. É tão simples como isso. Se tiver de um lado do muro 10 milhões de ricos, pessoas que vivem bem, os pobres saltam o muro e vão-nos matar a todos. Para nós não sermos mortos vamos ter de pagar.

**O que acha da aposta feita em Portugal no turismo massificado?**

Venho falando disso há anos sem qualquer efeito porque isso foi um grande erro e agora está a ver-se a gravidade desse erro. Não quero exagerar na minha vaidade, mas quando fiz a Quinta do Lago, no Algarve, não havia nada. Quando introduzi o conceito de >



> turismo de qualidade em maior escala, foi acessível. Depois perdi a aposta porque a Quinta do Lago foi muito além do que eu sonhava. Até hoje. A Quinta do Lago tinha um conceito absolutamente correto de qualidade urbanística, de qualidade arquitetónica, de estilo de vida não exibicionista e afinal acabou sendo praticamente o único empreendimento na Europa assim. E é por isso que ela é tão valorizada. Ninguém fala de outro. Havia Sotogrande no sul de Espanha que tinha essa pretensão. Não foi bem sucedido, apesar de ser muito evoluído, mas está mal localizado porque está em frente a Gibraltar, é longe do aeroporto, é longe de tudo. A ideia foi como é hoje Belas, como a Quinta do Lago foi ao princípio e por isso é que agora conseguimos sobreviver, e um grande grupo americano entrou aqui [em Belas] conosco e tem plena confiança no empreendimento e acabou de decidir avançarmos com todos os *upgrades* que estamos a fazer dos clubes, do ténis, da parte lazer.

**Portugal depois do coronavírus vai continuar com o turismo massificado?**

Não. Não pode continuar porque não é sustentável, não é rentável. Veja o seguinte: as pessoas, e conheço algumas que compraram casas e palácios antigos para converter em alojamento local, agora não têm ocupação, estão a vender para habitação normal. Vai acontecer muito isso. Também há hotéis que vão ser convertidos em apartamentos. Esse turismo penso que não volta. As pessoas vinham aqui porque a razão preço qualidade era excecional. Lisboa é uma cidade que faz lembrar uma mulher que não é muito bonita, mas é muito charmosa. Com o *boom* do turismo de massificação passou-se para a ilusão, esse *bluff* da gastronomia dos chefes... passámos para uma coisa que não é sustentável. A opção é a junção do turismo com o imobiliário.

Transformar os turistas em turistas permanentes. Passar a fazer de Portugal a sua base, ou pelo menos o seu refúgio. E isso é que é o nosso nicho de mercado. E nós temos de agora, com grande capacidade técnica, descobrir onde é que estão esses nichos, onde é que estão os nossos clientes e fazer promoções para atingi-los. E claro vão ser muito menos turistas. Vai haver menos aviões, tudo isso é uma contradição. Nós querer-

mos acabar com o aquecimento global mas temos cada vez mais aviões, cada vez mais aeroportos, não é compatível. Temos de ter um turismo de qualidade que não é só para milionários.

**Mas esse tipo de turismo empregava muitas pessoas.**

Depende. O alojamento local praticamente não emprega ninguém. Emprega uma pessoa uma vez por semana que vai naquele apartamento e limpa para entrar o seguinte. Não tem porteiros, não tem empregadas, não tem nada. A hotelaria também tem de mudar, apesar de ter crescido imenso, continua a pagar 600, 700 euros, na mesa, na portaria, muitas vezes a licenciados. Poucos chegam aos 1000 euros. São empregos de muito sacrifício. É melhor ter uma hotelaria e um turista de qualidade que paga melhor e também poder pagar melhor às pessoas que trabalham.

**Como está o investimento de 25 milhões na construção de 50 novos apartamentos?**

Os primeiros já foram vendidos e entregues. Agora começámos a vender os outros. Tudo tem sido vendido e tem muito boa qualidade. Continuamos ganhando prémios de ambiente, sustentabilidade. Somos realmente pioneiros em Portugal e fora do país nessa área. Acabámos de ganhar um prémio, mas não foi um prémio

comprado. Aquilo do turismo, prémios mundiais a que é preciso candidatar-se, paga-se uma entrada e depois escolhe-se o prémio que se quer.

**Acha que o Governo português tem comprado prémios de turismo?**

Não adianta nada. Isso é uma fantasia e só faz bem ao ego dos funcionários públicos e dos porteiros dos hotéis. Quando um prémio é autêntico vale, mas quando são essas coisas compradas não interessa nada. Está na net. A pessoa inscreve-se e paga 500 libras para ser nomeado. E depois mandam o diploma. Nem vem emoldurado. Dão a entender que se se subir para outra categoria, há uma tabela. Não é segredo. Mas, por outro lado, há prémios internacionais de turismo que são verdadeiros.

**Vai haver uma grande mudança no imobiliário em Portugal?**

Acho que vai. Como eu digo, temos de desenvolver um mercado que atinja a classe média-alta e ter Portugal como uma base de segurança e conforto e cultura também. É muito importante desenvolver melhor o lado cultural em vários sítios. Por exemplo, Em Vilamoura criámos no mês de março, que já vai no 10.º ano, o Atlantic Tour que é o maior da Europa e acontece fora de temporada. Trazem 800 cavalos e 1200 pessoas em fevereiro e março para Vilamoura e há concursos diários. Diariamente essas pessoas dormem nos hotéis, comem nos restaurantes e compram nas lojas. É preciso reforçar muito a atração cultural. Não sei bem o que vai ser do imobiliário porque não sei qual é a oferta. Há muitas coisas anunciadas mas essas foram inventadas no *boom* e então já foram calculadas por 10/12 mil euros o metro quadrado. Não sei se essas coisas continuam viáveis. Parece-me que não. Sei é que temos de criar uma oferta para atrair também as empresas a continuarem a trazer as suas sedes operacionais para cá, os bancos, por exemplo. É importante que existam zonas satélites como por exemplo o arco ribeirinho sul – na Margem Sul – ou para norte, em Alenquer, projetos que integram habitação, prédios de escritórios, comércio, zona para as indústrias tecnológicas, coisas muito importantes que empregam mão-de-obra portuguesa, nos escritórios. Os por-



tugueses são bem vistos no mercado, a mão-de-obra tem qualidade. É por aí que tem de se andar. Falam em torres grandes em Lisboa e tudo isso mas eu não vejo muito a viabilidades dessas coisas. Agora não temos, neste momento, informação suficiente do que é a oferta para poder avaliar o que é o mercado.

**António Saraiva, da CIP, disse que Portugal apostou tudo no turismo. O que pensa disse?**

Isso me diz que continua o preconceito contra a indústria de serviço por parte do setor industrial. Aham que as indústrias de serviço não têm nobreza. Ele disse isso e disse que apostaram demais e que o país não pode depender do turismo. Mas não é o turismo que impede outros investimentos. Porquê que os outros investimentos não aconteceram? Ou pelo menos na medida que ele acha que deviam acontecer?

**Sempre defendeu que o turismo barato não é rentável e que dobrar os preços alterava isso. É possível na próxima fase?**

Isso depende muito do tipo de animação, do tipo de atração que Portugal ofereça. Das coisas mais ridículas que já assisti na vida é essa oposição ao Museu dos Descobrimentos. É uma coisa realmente parva. O Museu dos Descobrimentos tem de ser moderno, interativo, exaltando os países, tantos os destinos, mostrar o que eles são hoje e o que eram quando Portugal andou por lá, como é que evoluíram. Dá para fazer uma coisa muito bonita e não há talvez outro país que tenha as condições de mostrar meio mundo que descobriu. Na Europa toda a gente conhece os Descobrimentos, estudou nas escolas. O Magalhães é um nome familiar para eles e chegou aqui e não encontram. Entrei nesse debate por causa

disso. Em Varsóvia há um museu da história dos judeus na Polónia. E há uma zona do Holocausto. Em Berlim há um museu do Holocausto. Os alemães não têm problemas, mas os portugueses têm complexos com a sua história. De uma maneira geral, a cultura e a animação são fracas. Não há um teatro, não há nada que se possa fazer à noite. Para um turista normal, não estou a falar de discotecas.

**Outra das grandes falhas que sempre apontou foi a falta de um centro comercial do que é português.** Absolutamente. Não sei porque não existe. Tentei em dois locais negociar com o Estado para fazer mas não entrei em concursos, não tenho vida para estar nessas discussões de concursos. É fundamental. Na Avenida da Liberdade não há uma loja portuguesa ou de produtos portugueses. Há o meu amigo Castro [Rosa Teixeira] mas

tudo dele também é estrangeiro. As outras lojas também são estrangeiras, os prédios são estrangeiros... o produto é estrangeiro. Também não pagam impostos porque pagam os lucros *offshore*. A marca exporta para um país fiscal. Cada loja tem três ou quatro empregados que são portugueses. São os únicos empregos que aqui gera. Não gera nenhum benefício material para Portugal. A única vantagem é que atrai turistas mas muito poucos portugueses e muito poucos turistas europeus. Atrai chineses, brasileiros, atrai angolanos que agora já quase não vêm. É uma ilusão esse comércio da Avenida da Liberdade. E não há onde comprar coisas portuguesas. Há mil coisas, joias, azulejos, móveis, tudo. E seria uma atração turística, uma coisa sofisticada, de boa qualidade. As mulheres iam todas lá. Não existe, não sei porque, não quiseram fazer. Acha-va que se podia fazer no Parque

Mayer, que é uma localização ideal para uma coisa dessas. Best of Portugal é o que se impõe mas até hoje não apareceu. O melhor lugar para esse espaço seria nas atuais instalações da Penitenciária de Lisboa.

**O que acha do facto de o coronavírus estar a contribuir para a melhoria do ambiente?**

Se para acabar com a poluição, se para acabar com o aquecimento global é preciso matar as pessoas com um vírus, temos de ter melhores formas. Em relação ao turismo, se nós fizermos um turismo de qualidade, não estou a falar de turismo para milionários, para pessoas que querem estar num lugar e aproveitar as vantagens verdadeiras que Portugal tem, isso implica muito menos viagens, muito menos poluição, muito menos necessidades de aeroportos, temos de ver os interesses. Agora não quero pensar que

**“ Best of Portugal é o que se impõe. O melhor lugar para esse espaço seria nas atuais instalações da Penitenciária de Lisboa**

**“ O PSD, o PS, o BE e mesmo o Partido Comunista são partidos sérios, responsáveis. Podem ser mais ou menos extremistas. Acho que se tiverem no poder serão mais realistas**

partidos do centro de direita ou de esquerda com um candidato viável. Resultado: apoiaram o Bolsonaro porque queriam livrar-se do Lula de qualquer maneira. E olhe o resultado. O PSD, o PS, o BE e mesmo o Partido Comunista são partidos sérios, responsáveis. Podem ser mais ou menos extremistas. Acho que se tiverem no poder serão mais realistas. É preciso organizar uma espécie de frente nacional com um programa definido, a longo prazo, em que se leve em consideração os interesses das vários componentes sociais e económicas para governar com os mais capazes e levar o país a um novo patamar.

**Nessa solução nunca teremos um Museu dos Descobrimentos.**

Acho que as pessoas que são contra o Museu dos Descobrimentos não devem ter nada que fazer. Temos de caminhar para uma concórdia nacional porque essa coisa de ser contra o bloco central é simplesmente porque os partidos maioritários não querem dividir o poder com ninguém. Dividem os lugares entre eles, à vez.

**Como vive aos 86 anos estes constrangimentos de estar em casa, não poder estar com as pessoas de que gosta...**

Já vivi muitas coisas diferentes. Esta é outra. Não me sinto isolado. Primeiro porque tenho dois dos meus filhos que moram aqui perto. É um momento da vida, não estou afetado por isto.

**Disse várias vezes no passado que estava a chegar o momento das mulheres chegarem ao poder. Acha que coronavírus vai ajudar as mulheres a tomarem conta...**

Ahhh sim. Vejo muito a CNN. Muitas presidentes de câmara são mulheres nos Estados Unidos. E várias governadoras. As primeiras-ministras na Europa também já são algumas. Esse movimento é imparável. Os homens fracassaram no poder, essa é que é a realidade. E as mulheres têm mais bom senso, são mais capacitadas para exercer o poder. Elas não se dão é muito bem entre elas... Penso que tem de se aproveitar a capacidade natural das mulheres para gerir como elas gerem a família e as casas. Acho que é uma coisa que está em grande progresso. Nos Estados Unidos é impressionante a quantidade de mulheres que são governantes e executivas das maiores empresas.